

# Newsletter

## EDIÇÃO ESPECIAL



Nessa edição especial da nossa Newsletter trazemos uma entrevista maravilhosa com o Professor Thiago Motta. Professor Associado do Departamento de Linguística da Unicamp, Professor Thiago possui uma carreira brilhante. Recebeu Menção Honrosa no Prêmio Capes de Tese do ano de 2016.

A tese premiada intitulada "Coerção Aspectual: Uma Abordagem Linguística Da Percepção Do Tempo" foi defendida no ano de 2015, na UFRJ, sendo orientada pela Professora Aniela Improta França e co-orientada pelo Professor Marcus Maia. Nessa entrevista, Professor Thiago nos conta sobre a escrita da tese premiada, sobre sua carreira, pesquisa linguística e divulgação científica.

- 1. Sua tese ganhou Menção Honrosa no Prêmio Capes de Tese, em 2016. O que significou, para você, receber esse prêmio? Você acredita que isso impactou e/ou impacta sua vida profissional?** Sinceramente, eu tinha ideia de chutar para todo lado quando terminasse o doutorado (apenas quando terminasse) pois sabia que eu queria seguir carreira acadêmica, mas sabia que as chances eram escassas por várias razões. O e os melhores de cada grande área no PCT ganhavam 1 ano de financiamento de posdoc. Então vambora! Mais uma opção! Eu só não achava que seria indicado no Programa. Curiosamente eu achava e falava que eu teria mais chances no geral, concorrendo no Brasil inteiro, do que no Programa. Mas apesar disso eu não imaginava que eu estaria certo rs. Acabei sendo indicado no Programa e quando recebi o email da CAPES, já aqui em Campinas eu achava que eles tinham enviado a todos os indicados. Até que eu li com calma depois de um tempo e acreditei menos ainda rs. Olha, eu escrevi minha tese como algo que fosse de fato um marco na minha história. Não é clichê nem quero falar bonito, mas eu coloquei o coração ali. Como eu falo no início e no final, essa tese não é o que eu fiz, ela sou eu naquele momento da vida. Eu recusei algumas propostas como a de adiantar a defesa para fazer um concurso na UERJ que tinham 5 vagas para linguística. Foi o concurso em que a Marije e o Renê (da PUC) passaram se não me engano. Onde você vai ver um concurso com 5 vagas para linguística? O povo se mata por uma!

Ademais, na UERJ sempre que tem pelo menos 5 vagas é obrigatório que uma delas seja reservada ao sistema de cotas, o que aumentaria ainda mais as minhas chances de entrar. Mas eu quis fazer tudo no meu tempo e só começar a gastar bala quando terminasse de fato o doutorado. E acho que a MH serviu como um reconhecimento externo das escolhas que fiz. Tiveram outros, e eu sempre falo que eu sempre fui e queria continuar sendo um idiota se eu precisasse deixar de fazer algo que eu gosto e do meu jeito para “vencer na vida”. Pode talvez não ser idiota, mas é idealista demais e a vida costuma ser implacável quando a gente perde uma chance dessas. Mas felizmente deu tudo certo, fiz as coisas do meu jeito, foi o primeiro texto que eu não mudaria uma vírgula do que eu falei até hoje (faria uma revisão melhor mas...). E felizmente tive esse reconhecimento a nível nacional que foi bem bacana, principalmente por ver que as duas outras teses da área de Letras-Linguística eram de literatura. Então eu considero, aliás, considero não, foi! A minha tese foi a melhor de linguística no Brasil naquele ano, ao menos das que chegaram aos olhos da Capes. Com isso tudo, posso dizer que impactou bastante a minha autoconfiança, a ideia de que a maioria das minhas escolhas foram corretas etc. Mas como as coisas mais impactantes que aconteceram na minha carreira foram anteriores à menção honrosa, como a entrada na Unicamp, eu diria que não muito nesse sentido. Mas tem um outro ponto de vista sobre carreira que eu acho que impactou. Essa é uma linha importante no lattes que passa confiança para mostrar quando for solicitar apoio das agências e isso ajuda.

Até hoje (e provavelmente apenas até hoje) todos os meus alunos que quiseram bolsa tiveram bolsa. E quando tiveram bolsa negada na primeira opção (três vezes), ou a negação era por causa de um critério não dito (as agências costumam ter critérios que não estão no edital e a gente vai sabendo ou entendendo com o tempo), ou não queriam indicar o porquê da negativa. Nesse sentido acho que essa linha no currículo ajuda bastante, dá um impacto maior à proposta mostrando que o que vier a acontecer nas IC, mestrado e doutorado tem potencial de ter impacto semelhante.

## **2. Como você descreve seu processo de escrita? Você possui alguma estratégia de escrita específica?**

O professor Pedro Paulo Catharina de francês sempre fala que o mestrado é um estágio para o doutorado. Eu vejo exatamente assim. 2 anos, passa voando e a gente não tem tanta experiência em pesquisa ou em escrita acadêmica. Nesse sentido, eu acho que minha dissertação fez o papel dela: me preparar para o doutorado. Ao mesmo tempo, cometendo um sincericídio, eu a considero de fraquíssima a medíocre olhando para ela sozinha, se eu parasse por ali. E faz sentido considerando que ela é o resultado de míseros 3 meses de escrita, correndo e juntando informações com pressa. Tem capítulo que eu olho hoje e não faço ideia do que está fazendo ali porque não faria a menor diferença se não estivesse. Mas repare que o texto ser isso não implica que o processo foi ruim. Eu cheguei onde eu queria chegar.

Começo a pensar num tema, desenvolvo, vejo que não concordo com as explicações vigentes, penso, penso, penso e, no final, apenas digo mostro que a explicação não parece funcionar, mas não consigo ainda dar uma alternativa. Talvez a forma como fiz isso foi ruim. Mas o processo foi ótimo e eu não seria eu sem ele. E não é por não propor uma alternativa que eu acho a dissertação ruim, essa é a parte que eu acho que salva rs. Quem dera todas as dissertações fossem assim, todo mundo assumisse suas dúvidas sem muito compromisso com “instâncias superiores”. Essa liberdade de escrever o que quer, mesmo correndo riscos, é uma coisa que sempre prezei nas orientações da Aniela e do Marcus. Parece que estou mudando de assunto pois estou falando da dissertação e não da tese, mas tudo vem de algum lugar. Essa experiência no mestrado me fez entrar no doutorado escrevendo desde o primeiro dia de processo seletivo. Não queria nunca mais ter a experiência de escrever um texto desse tamanho correndo, em 3 meses. Então vamos escrever ao longo dos 4 anos. Por fim eu tive umas 4 versões da tese que eu fui “jogando fora”. O “jogar fora” entre aspas é porque obviamente a gente não joga tudo fora. Boa parte das discussões já tinham sido feitas. Algumas não cabiam mais, mas era bom ter em mente. Outras iam voltar, só que encaixadas de outra forma. O que aconteceu é que faltando um ano para a defesa eu já tinha o caminho da tese desenhado na minha cabeça e faltava escrever. Novamente, algumas coisas eu já tinha e precisava apenas reencaixar. Outras eu conhecia por alto, mas ainda teria que estudar o suficiente para escrever sobre numa tese e ainda interligar com os temas que eu vinha discu-

tindo.

Nisso tudo acho que é importante também citar os privilégios. Eu sempre morei com minha mãe e irmão, minha mãe sustentava a casa e eu ajudava com a bolsa, e durante um ano eu parei completamente minha vida passando a escrever de noite e de madrugada, que ajuda muito na concentração e é quando eu rendo 4 ou 5 vezes mais, além de escapar de telefone, de emails, do calor infernal do Rio de Janeiro que de madrugada é apenas um verão muito intenso etc. E eu dormia de manhã e de tarde. Além disso outra coisa que ajudou bastante durante um período que estive travado foi um refúgio em Florianópolis. Eu estava devendo uma visita a um casal de amigos e calhou de em 2014 ter a ENANPOLL exatamente lá. Depois do evento fiquei um tempo mais e eles me acolheram por lá, me levando para passear e ver vários lugares enquanto meu computador de 11” me acompanhava para continuar escrevendo. E foi lá que eu venci a travada mais complicada que tive durante o processo de escrita.

**3. Na sua tese, você investigou a percepção de tempo em interface com o processamento de sentenças, aliando diferentes áreas do conhecimento. Na sua opinião, quais são os desafios e os fascínios do trabalho com interface?**

Isso tudo é resultado do Espaço Alexandria. Como comentei anteriormente, eu não tinha ideia de como dar explicações alternativas à da literatura, mas tinha motivos de sobra para discordar dela. E tudo tinha a ver com tempo, que é um objeto de estudo em áreas distintas, na física, na psicologia e na linguística por exemplo.

Então o importante para mim era fazer o básico, que é ao mesmo tempo o mais difícil, mas que o Espaço Alexandria proporciona: conversar! Com isso eu descobri a psicofísica, depois acabei participando da III Semana de Física da UFRJ e ali, numa palestra do Luiz Alberto de Oliveira, da CBPF que as portas foram se abrindo.

E se abriram tanto que preciso voltar num ponto que disse antes, sobre não querer tirar uma vírgula da minha tese. Tem uns 2 capítulos e meio pelo menos que poderiam não estar ali. Aliás, como disseram na banca e eu concordo, eu poderia escrever a mesma tese de 250 páginas (de texto, 398 com todo o resto) em menos de 100 páginas se não quisesse justificar tudo. Tanto que eu resumi tudo em um artigo de 10 páginas depois. Mas se não o fizesse assim não seria a minha tese! Esses 2 capítulos e meio são o que eu considero minha “dissertação em percepção do tempo”, dentro da tese e que também precisariam de toda a justificativa anterior. Acontece que embora os psicólogos usem alguns termos para definir o que é o tempo objetivo, físico, e diferenciá-lo do tempo subjetivo, psicológico, a definição de tempo físico não é a definição de tempo dos físicos. E acompanhei algumas confusões que foram geradas por pura terminologia. NE eu queria explicar isso. Os psicólogos fizeram uma definição supercuidadosa. O problema foi não conversar. O tempo objetivo não é o tempo que estudam os físicos. Aliás, acho que essa é a parte mais bacana de trabalhar em interface. Não é a possibilidade de trabalho conjunto, mas começar a trazer as experiências para dentro.

E ao trazer essas experiências a gente percebe que quando você vê uma briga muito acirrada, existe uma probabilidade enorme de o problema ser puramente terminológico. Como quando os biólogos dizem que linguistas são antievolucionistas e colocam os humanos num pedestal ao dizer que outros animais não têm linguagem, quando isso é um termo técnico nosso e a definição do nosso objeto de estudo. Uma coisa não implica a outra. Ou quando a gente tenta especular quando a linguagem surgiu na evolução mas a definição de linguagem do Chomsky e do Tomasello são diferentes. Ou, ainda melhor, quando dizem que eu trabalho com aspecto e vêm me perguntar coisas com que eu mal quero saber.

**4. Durante parte do seu doutorado, você fez estágio no INSERM (Instituto da Saúde e das Pesquisas Médicas da França). O que você julga imprescindível para um estudante de doutorado que deseja ter a experiência de estudar fora do país?**

Eu poderia falar de mil coisas aqui que todo mundo já sabe. Então eu tocaria em dois pontos principais:

a) **Mente aberta.** Independente da sua expectativa, as oportunidades de aprendizado, de amadurecimento e até de mudanças no projeto são muitas.

b) **Muita gente por vezes vem perguntar se alguém conhece algum pesquisador da área X no país tal....** mas acho que a melhor “pessoa” para responder essa pergunta é o seu projeto. Eu costumo falar que a gente não segue cronograma, a gente corre atrás da nossa pesquisa. A gente não indica onde a gente quer chegar com a pesquisa, as coisas vão acontecendo e a gente dá o melhor pra continuar dando conta dele.

É uma versão mais minha da analogia do Luiz Bevilacqua, do Espaço Alexandria: a gente não tem que tentar navegar no mar. A gente tem que surfar. Navegar indica que você sabe para onde ir e onde quer levar a pesquisa, mas a pesquisa não tem que ser levada, ela que nos leva. Surfar dá essa ideia de que a gente vai levar uns capotes, vai fazer manobras certas e erradas, e somente lá no final você vai parar e ver onde você foi parar. Pesquisa tem vida própria, não tente domar, se não começa a ficar enviezada. E não tentar domar significa basicamente que ela é quem sabe qual o melhor lugar pra ir numa experiência no exterior. Pode parecer que minha ida ao INSERM foi pensada, afinal eu fiz graduação em Francês, mas não foi. Eu pensei primeiro no Texas, um lugar que seria horroroso para alguém como eu viver por um ano. Fui pra França, honrando minha graduação, não por opção, mas por segunda opção depois de nem nos responderem. Lendo coisas com Aniela, a gente encontrou o nome da Virginie que estava em Maryland durante sua passagem por lá e nem sabia com o que estava trabalhando. Calhou de ser com percepção do tempo. E esse imprevisto foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida.

Por isso a ideia de não tentar conduzir a pesquisa, mas deixar que ela te conduza, e a ideia de ter mente aberta para isso e para aproveitar as oportunidades. Mas eu teria uma terceira dica ainda: se mate de estudar método experimental. De forma geral: saia da linguística, saia da psicologia! Se você não conseguir ler minimamente um experimento de física ou de pesquisa clínica, já tem algo a se melhorar aí.

E também estude estatística. Com tantas oportunidades, é importante não perder tempo fora aprendendo o básico do básico. Com essas coisas, eu comecei a me acostumar com o laboratório quando estava no momento de voltar. Isso porque eu fiquei um ano. E claro, em geral lá fora existem equipes e pessoas para te ajudar nessas tarefas. Mas quando você for um pesquisador, ou quando voltar ao Brasil para continuar sua formação, você vai ter quem te ajude? Isso era uma coisa importante no Neurospin: todo mundo que entra não sai sem aprender a lidar com todos os passos da pesquisa, mesmo que não seja o responsável por essas partes quando a coisa ficar séria para publicar por exemplo. A gente tem que ter uma equipe de especialistas, que a gente não tem no Brasil. Mas exatamente para essas situações a gente tem que ser minimamente independente.

E saber estatística não quer dizer saber fazer análise descritiva e teste de hipótese. É saber o porquê que você está fazendo isso ou se você deveria estar fazendo outro tipo de análise, de tratamento de dados, de teste de hipótese. Fazer a gente acha um jeito, mas explicar o porquê que estamos fazendo é o essencial. Até porque revistas internacionais te cobram isso: por que você acha que seu N é suficiente? Por que você acha que seu método de pesquisa e seu método de análise é adequado? Se você não souber responder esse tipo de pergunta de forma satisfatória você sequer passa do formulário de submissão. E se passar é rejeitado na hora seguinte pelo primeiro editor que receber sua submissão.

Aliás isso é tão interessante que hoje, conversando com estatísticos, estou convencido que a melhor forma de analisar dados de tempos de resposta são análises de distribuição gama, pois os tempos de resposta raramente têm distribuição normal pela sua própria natureza, que limita a cauda esquerda ao ms 0. Ou seja, a cauda está sempre mutilada. E essa é a definição da distribuição gama. Eu não sei se isso é recente na estatística, mas é muito recente em experimentação. O resultado é que até fora, com gente que entende mais sobre essas coisas, essas análises são bastante questionadas. Se você não souber explicar, mesmo sendo o mais adequado, como a gente responde aos pareceristas?

**5. Como você acha que o fato do seu trabalho ter ganhado menção honrosa em 2016 contribuiu para a visibilidade da linguística no Brasil como uma ciência que possibilita um diálogo interdisciplinar?**

Sendo sincero, curto e grosso: de maneira alguma rs. O prêmio é anual e existem os indicados de cada área. Dos indicados primeiros de cada área vão sair os indicados de grande área. E dos indicados de grande área sai o ganhador do grande prêmio capes de tese. No final cada um segue na sua bolha.

Eu sou meio radical nesse ponto, embora tenham algumas vantagens em separação de grandes áreas, acho que no final isso acaba fazendo mais mal do que bem, com vários preconceitos, com as pessoas se fechando nas suas bolhas sem vontade de sair da zona de conforto.

Novamente faço a menção ao Espaço Alexandria que faz esse trabalho que ao mesmo tempo que é simples, exige uma coragem enorme pra tentar institucionalizar, que é fazer as áreas conversarem. Por exemplo, embora não seja tão forte no exterior também, aqui no Brasil sequer se pensa na área das Ciências Cognitivas. E aí o que a gente vê é um monte de gente querendo se meter na área do outro que existe há 100, 200, mil anos, e achando que esses estão errados e eles que estão tentando “modernizar” a área, ao invés de pegar a mesa, um café e começar uma conversa pra ver o que dá pra gente pensar juntos, o que dá pra fazer de trabalho em comum. Tem um pouco a ver com a questão dos experimentos que comento acima. Se o nosso método é experimental, a gente deveria entender os trabalhos de qualquer disciplina que utilize o mesmo método. Mas geralmente a gente não olha pro lado, não conversa.

Aliás essa pergunta foi boa para não ficar parecendo que eu faço críticas internas. O que tem de físico de férias querendo explicar linguagem sem ler ou conversar com linguistas não tá no gibi! E falo isso como alguém que gosta de física e que teve o projeto de doutorado em linguística encaminhado exatamente pelo contato com a física. Adoraria conversar mais. Mas nem sempre a vontade é mútua.

**6. Sobre divulgação científica, sabemos que você faz alguns podcasts rápidos com vários temas da Linguística, além de utilizar outros meios digitais para tal finalidade. Como é o processo de encontrar um equilíbrio afim de passar a informação para a comunidade científica e leigos?**

E podcasts longos também, no carro chefe do Portal Deviante, o Scicast. Tem uma frase que atribuem ao Einstein, mas não sei se é verdade ou se são essas frases de memes de redes sociais: a gente só entendeu alguma coisa se conseguir explicar de maneira simples. Daí soma a isso uma característica minha que foi até medida em teste psicofísico: eu tenho uma curva de aprendizagem lenta que nem uma tartaruga! Só que quando eu entendo eu entendo de uma vez. E quando estou realmente concentrado tentando entender alguma coisa, eu fico imaginando isso na minha cabeça, como se eu estivesse tentando tornar uma explicação que abusa de tecnicidade, em algo mais simples. Claro que nem sempre funciona. Às vezes ser técnico é a melhor forma de ser mais preciso também. Mas eu fico imaginando essas formas de traduzir os conteúdos pra essa minha cabeça de tartaruga. Então eu acho que sempre tive uma certa facilidade em pegar algo que eu realmente conheço e transpor pras “linguagens” das pessoas com quem eu quero falar. Talvez seja a veia do jornalismo que a Aniela reascendeu entre mestrado e doutorado e quase me fez desistir da linguística rs.

Então a ideia de passar um conteúdo passa primeiro por isso, de você entender o que e pra quem você quer dizer alguma coisa [Aniela vai pegar essa referência de 14 anos atrás?]. Depois disso a gente molda a forma de falar e as referências para nos adequarmos a esse público. Tendo pensado nisso, o resto acontece mais naturalmente.

**7. Como professor na UNICAMP, como foi a sua experiência mediante a pandemia do Covid 19? Quais dificuldades você encontrou para adaptar os cursos para um método remoto e como você acha que isso afetou a sua relação com os alunos?**

Eu tenho duas disciplinas obrigatórias na graduação, a partir do ano que vem três. Eu divido a parte de história e de teoria na Linguagem e Processos Cognitivos e deixo a Psicolinguística para ser uma disciplina totalmente prática, desenhando, montando, aplicando e analisando experimentos. A teórica é fácil transpor, mas a gente perde muito da discussão. Então eu gravei vídeos com o conteúdo e íamos discutindo aos poucos ao longo da disciplina. Esse segundo semestre está mais fácil pois os vídeos já estão gravados mas eu ignoro completamente que eles estão ali, falo de tudo durante as conversas enquanto discuto com a turma, mas sem a pressão de ter que falar e me aprofundar demais em todos os assuntos pois os vídeos já estão ali. A disciplina prática precisou ser cancelada no primeiro semestre. Mas nesse semestre estou fazendo o caminho contrário. Ao invés de desenhar, montar, aplicar e analisar experimentos, nós estamos desmontando enquanto verificamos a reprodutibilidade. Nesse sentido, agora que minha disciplina mudou de prática para teórica-prática, acabou deixando de ser uma disciplina de psicolinguística e se tornou uma disciplina de método experimental e de boas práticas científicas.

Nesse sentido, na medida do possível está indo tudo bem, embora obviamente alguns alunos tenham maiores dificuldades, mas vamos levando a vida.

EO início foi complicado para todo mundo, até pelas incertezas. Esse segundo semestre está bem mais tranquilo até pela aceitação. O que dá mais trabalho são os cargos de gestão.

**8. Quando você começou a pensar em pesquisar o tema do Aspecto linguístico e do tempo, e por que esse tema foi interessante para você no início?**

Então o que eu estudo não é, e é aspecto ao mesmo tempo rs. Sobre a confusão de definições. Existem características dos verbos que são dadas pelo próprio evento. Por exemplo qual a sua duração, se ele gera um resultado ou não, se ele é incremental ou não etc. São coisas do mundo, dos próprios eventos. Essas características são chamadas de Aspecto Lexical. E existem aquelas características que são dadas pela conjugação do verbo, como se ele é perfectivo ou imperfectivo por exemplo. Isso é chamado de Aspecto Gramatical. As duas coisas são muito diferentes uma da outra.

E como “aspecto” virou quase que sinônimo de aspecto gramatical, muitos sequer usam o nome aspecto, mas sim aktionsart, do alemão ‘modo de ação’. Eu uso aspecto apenas pelo nome do fenômeno que me interessei que é a coerção aspectual. Mas eu uso esse nome simplesmente porque é impossível fugir do nome que já foi cunhado, pois a ideia da minha tese é mostrar que a coerção aspectual não é aspectual. Não diz respeito às categorias aspectuais que usamos na linguística.

Sendo mais específico, a coerção aspectual aconteceria em frases como “o palhaço pulou por 10 minutos” e a explicação mais aceita é a de que temos um verbo pontual num contexto durativo e essa combinação geraria uma interpretação iterativa/repetitiva = vários pulos. Mas qual a origem dos conceitos de pontualidade e duratividade? Eles são reais?

Esses termos vieram das classificações de evento, são muito usados porque as classificações são muito úteis, mas muita gente, não apenas eu, e na verdade eu fui meio que convencido disso, acredita que são apenas ferramentas, mas não necessariamente tudo o que elas dizem é real. Tanto que existem dezenas e mais dezenas de propostas de classificação de evento desde a Índia de 5 ou 6 mil anos atrás. Algumas coisas elas têm em comum e talvez isso seja real. Mas em geral, quando usamos a classificação de eventos X ou Y, a gente está usando por pura conveniência. Mas voltando pra origem dos termos, Mark Moens em 87 é um dos raros que se colocaram a mão nesse vespeiro de tentar definir eventos pontuais. Basicamente ele diz que não é que eles não tenham duração, mas que essa o evento é tão único que não tem como pensar em separar partes dessa duração. Mas o pular, do palhaço, pode ser dividido em partes: você pode estar saltando se pegar só a primeira parte do evento, planando se pegar só a segunda ou caindo se pegar só a terceira. É meio que a junção dos três. Então faz diferença. E independente de ser a definição dele ou de outros, pelo menos metade dos verbos que a gente diz que são pontuais acabam não se encaixando.



E daí veio minha ideia a partir de tudo que aprendi lendo e participando de uma equipe de pesquisa em percepção do tempo: a questão não é ser pontual e durativo. A questão é entender se a elasticidade da duração do evento se encaixa ou não com a duração do contexto. Se eu estiver certo, eu encontro os mesmos efeitos reportados na coerção aspectual, não apenas com os verbos ditos pontuais, mas com os verbos durativos. E é isso que acontece. O mesmo efeito de 'pular por alguns minutos' acontece com 'dançar por algumas horas'. E mais, também acontece com 'dançar por alguns segundos'. Isso quer dizer que o fenômeno nomeado como coerção aspectual está muito mais para um susto semântico de você pegar em elefante e guardar na sua gaveta de meias, ou de separar um armário inteiro pra guardar uma caneta. Você não precisa de horas para dançar, bastam minutos. E se você realmente dançou por horas, foram várias músicas e não uma só, ou seja, um evento repetitivo/iterativo e não contínuo. E se você dançou por alguns segundos você nem mesmo começou.

Por fim, o interesse no tema foi exatamente esse: estar começando a ver algo que me fez desafiar o status e ter como investir nisso. E como comentei, no mestrado eu apenas sabia que não concordava, mas não sabia como dar uma explicação alternativa. O doutorado veio para dar essa explicação alternativa.

**9. Na sua opinião, qual será o futuro da linguística experimental, principalmente nos campos da psicolinguística e neurociência da linguagem? Quais questões s devem ser discutidas pelas áreas? E quais técnicas experimentais tendem a ganhar espaço?**

SeA pergunta mais complicada. Mas vou recorrer ao passado. No século XIX o Wundt queria fazer experimentos com linguagem e não podia por falta de controle. Um aluno dele, Cattell, resolveu começar a pelo menos brincar fazendo mapeamentos de tempos de resposta. Depois Veio Miller e a DTC que deu errado, mas com o avanço dos métodos a coisa engrenou e disparou. Acho que o que temos pro futuro é aguardar a popularização dos aparelhos que deve diminuir seus preços. Por exemplo hoje tem gente vendendo eyetracker no mercado livre. Obvio que não os mais avançados e não é mais útil pra gente, mas é isso, tão vendendo Tobii no ML por 3 mil reais. Há 10 anos eu nunca imaginaria isso. Então com o tempo os aparelhos vão melhorando e, melhorando, as anteriores ficam mais acessíveis. E maior acesso significa também mais gente trabalhando com eles. E é bom a gente entender também o que são esses aparelhos, as técnicas etc. E tentar conversar mais com outras áreas que podem nos trazer ideias interessantes. É o que dá pra responder.

## PRODUÇÃO DA NEWSLETTER

**Laboratório de Acesso Sintático (ACESIN) - UFRJ.**

Edição Especial. Vol.2. Nov, 2020.

Adriana Evangelista, Aniela Improta França, Emily Silvano, Isadora Andrade, Josiane Anjos, Milene Cupertino.

